

## TEATRO: ELO ENTRE O LEITOR E O SENTIDO DO TEXTO

Inaura Aparecida Lustosa Marcondes\*

**RESUMO:** A função principal da escola é propiciar caminhos para que os alunos aprendam, de forma consciente e consistente, implementando mecanismos de apropriação do conhecimento e possibilitando para que atuem criticamente no seu espaço social. Quando se trata da questão de despertar o gosto pela leitura, sabemos que não há como fazê-lo sem recursos e estratégias, e sem professores que tenham descoberto o prazer de ler. É necessário buscar meios de incentivo à leitura na escola e colaborar para aquisição de uma leitura prazerosa e não imposta, que possa elevar a auto estima, mostrando que todos são capazes de aprender. Isso pode criar no aluno leitor as bases para que, mais tarde, embora não estando mais na escola, possa atribuir aos textos lidos valor e importância. Neste artigo apresenta-se o papel da escola e do professor na formação de leitores competentes, como também relata-se uma experiência com teatro na escola (tema da pesquisa no PDE), considerado como uma ferramenta que leva o leitor a construir significados aos textos que lê, ou seja, o teatro se apresenta como um instrumento para se fazer uma leitura vivenciada, emotiva e sensitiva. Além disso, pode criar um frequentador de teatro interessado e esclarecido e contribuir na formação do público do espetáculo dramático.

**PALAVRAS - CHAVE:** Leitura. Literatura. Escola. Professor. Teatro.

**ABSTRACT:** The main function of the school is to propitiate the students to learn in a conscious and consistent way, implementing mechanisms to allow them to appropriate of the knowledge and act critically in your social space. When the subject is developing the habit of reading, we know that there is no way of doing it without resources and strategies, and without teachers that had discovered the pleasure to read. It is necessary search for ways to incentive the reading in the school and helping the students to realize the reading as pleasure and not an obligation, that can improve they self-esteem and show that they all are capable to learn. That can create in the student reader the bases so, even later, after leaving the school, they will be able to attribute to the texts read, value and importance. This article works the paper of the school and the teacher in the formation of competent reader. Will be mention too, an experience with theater in the school (a subject research in PDE) that show the hability of this art in allow the reader to build meanings to the texts read, in other words, the theater comes as an instrument to add in the reading a living, emotional and sensitive factor. Besides, it can develop an interested public that can contribute in the formation of a dramatic show public.

**KEYMORDS:** Reading. Literature. School. Teacher. Theater.

---

\* Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino do Paraná, participante do PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional), da SEED, em 2007/2008.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como fundamento demonstrar como a literatura pode ser trabalhada na escola (Colégio Estadual Nilson Baptista Ribas) para que surjam novos e competentes leitores. Há um impasse constante quando o assunto é leitura: a escola é questionada no seu papel enquanto instituição e o professor enquanto um dos agentes na formação do leitor.

A tarefa de formar leitores coloca escola e professores diante do desafio de convencer seus alunos da importância que têm para a sociedade e os indivíduos, os escritos e os pensamentos produzidos por histórias coletivas e pessoais. Despertar no aluno o gosto pelo texto literário significa favorecer-lhe o contato com diferentes olhares e entendimentos acerca da realidade, e submetê-lo ao poder transformador da literatura, em uma atividade de descoberta do fascínio causado pelo caráter estético da linguagem.

A linguagem literária tem a ver com o inconsciente, com a reprodução do real e com a palavra em estado de arte. Escrever um texto literário implica combinar de forma harmoniosa esses três elementos. O leitor procura neles conhecer modos diferentes de olhar e entender a realidade, mediados pelo prazer da beleza e da descoberta de recursos lingüísticos inovadores. (COSTA, 2007, p.10)

Um bom texto literário faz com que a língua de todos os dias apareça em roupagem mais bonita e tratando de assuntos, personagens e situações narrativas que nem sempre fazem parte de nossas vivências. Cabe à escola e aos professores demonstrar essa diferença trazida pelo texto literário e por aqueles bons escritores, que souberam extrair do usual e do rasteiro formas narrativas e poéticas extraordinárias e ricas.

O papel do professor no processo de conquistar seus alunos para a leitura é por demais relevante, de tal sorte que, caso seu desempenho demonstre desconhecimento da natureza da literatura e da leitura, poderá criar em seus alunos a recusa e o afastamento dos livros.

Os efeitos da literatura sobre a formação pessoal, o pensamento e a experiência do estético podem ser percebidos a longo prazo. Efeitos imediatos, quando existem, refletem-se melhor no modo como os alunos transferem a aprendizagem para outras linguagens – como a ilustração, a reformulação do texto, a transposição para formas dramáticas, a criação de espaços expressivos (jornal,

mural, publicidade) – e até na constância de leitura de outros textos sobre o mesmo assunto ou do mesmo autor. (COSTA, 2007, p.51)

Uma obra literária se insere numa cadeia de textos literários, que continuamente estão se citando, se relacionando em termos de idéias e de formas. Poucos são os textos totalmente originais, pois o texto nasce e reproduz outros textos conhecidos e lidos pelo escritor. Logo, quanto mais o leitor entra em contato com os textos de história da literatura e da sua contemporaneidade, mais ele é capaz de estabelecer vínculos, de descobrir relações de semelhança e de confrontar idéias expressas no texto que lê com idéias conhecidas de outros textos.

Para bem organizar este artigo, inicia-se com uma abordagem teórico-metodológica sobre a função da escola e do professor na formação do aluno leitor. Depois apresentam-se considerações sobre o ponto central da pesquisa – o teatro – como uma das ferramentas para estimular e conquistar leitores. Por fim, compartilha-se a experiência de intervenção na escola quando foi organizada uma Oficina de Teatro cujas atividades culminam com um grande evento envolvendo toda a comunidade do Colégio Estadual Nilson Baptista Ribas, um Festival de Teatro. As atividades da oficina têm embasamento teórico-metodológico na obra de Maria Clara Machado e de Viola Spolin.

## **ESCOLA E PROFESSOR NO DESAFIO DE CONQUISTAR LEITORES**

Considerando-se que a escola é responsável pela tarefa de ensinar a ler, nada mais natural que até hoje ainda seja questionada em suas maneiras e métodos, através dos quais vem desenvolvendo esse trabalho. Conquistar o aluno e torná-lo leitor é uma das ações consideradas de extrema importância na escola hoje, uma vez que o ato de ler auxilia o indivíduo em seu relacionamento com a realidade. A literatura pode ser tudo (ou pelo menos muito) ou pode ser nada, dependendo da forma como for colocada e trabalhada em sala de aula. Tudo, se conseguir unir sensibilidade e conhecimento. Nada, se todas as suas promessas forem frustradas por pedagogias desencontradas. (SILVA, 1990, p.43)

A leitura pode ser qualificada como a mediadora entre o ser humano e seu presente, propiciando-lhe um desvelar do mundo e, certamente, encontrando na literatura seu recipiente imprescindível. Preservar essas relações é dar sentido a elas. E, se a escola não pode absorvê-las por inteiro, espera-se que também não

seja o lugar onde elas se rompam em definitivo, sob pena de arriscar sua missão e prejudicar, irremediavelmente, o ser humano a quem diz servir.

A literatura é grande educadora indireta na medida em que proporciona o desenvolvimento pleno do indivíduo. Um indivíduo pleno certamente ouviu narrações fantásticas, as quais reúnem, materializam e traduzem um mundo de desejos. É através do sonho e da brincadeira que o indivíduo exercita sua imaginação, experimentando suas forças novas. A razão e a imaginação não se constroem uma contra a outra, ao contrário, constroem-se uma pela outra.

É necessário que a escola transforme a leitura literária que patrocina em uma atividade mais significativa. Tudo começa pelo reconhecimento de que o texto literário não existe “em si” por só ser plenamente “em outro”, ele participa da natureza dos fenômenos da linguagem, cuja significação só emerge em situações de interlocução.

Da mesma forma que os falantes de uma língua só podem atribuir significado a frases nesta língua por compartilharem de sua gramática, os leitores de literatura só podem atribuir significado literário às obras que lêem porque compartilham de certas atitudes, habilidades, normas, expectativas e conhecimentos que respondem pelo sentido literário de um determinado texto.

Se podemos conceber que uma língua tem uma atualização fonética, morfológica, sintática e semântica que se realiza por diferentes práticas em diferentes situações e entre diferentes segmentos da comunidade, também se poderia conceber, na literatura, uma distinção de registros correspondendo sua variedade (superposta, simultânea, às vezes inextrincável) à variedade de horizontes de expectativas e de códigos de leitura.

Se é verdade que cumpre à escola, como instituição, iniciar sua clientela nos valores e nas práticas dominantes, então é sua função iniciar seus alunos nos protocolos de leitura, segundo os quais certos textos são literários e outros não, e certos textos são mais literários e outros menos. Nesta perspectiva, o que se pode entender por ensino de literatura na escola talvez tenha como produto final a substituição de certos protocolos por outros, sendo os mais desejáveis aqueles que mais próximos estiverem dos protocolos que emanam dos pontos centrais da comunidade interpretativa oficial. Poderá constituir uma violência e certamente o será se, na sua prática, a escola desconsiderar as experiências prévias e imagens de leitura e de literatura que sua clientela alimenta.

A assimetria entre as experiências de leitura da clientela escolar e as expectativas de leitura da instituição escolar talvez explique por que os reflexos das teorias da literatura que se manifestam na esfera escolar são diluições e generalidades cristalizadas em roteiros de leitura e similares que desfiguram a teoria, tornando a prática da leitura, nestes moldes, uma atividade sem significado e quase sempre mecânica.

Se, então, em vez de patrocinar roteiros de leitura inspirados nesta ou naquela teoria, a prática de leitura escolar centralizar sua reflexão sobre o ato concreto da leitura em curso no espaço da sala de aula e sobre as interpretações que aí ocorrem, a leitura literária escolar pode converter-se numa prática de instauração de significados e, com isso, transformar o estudo da literatura na investigação e na vivência crítica do percurso social cumprido por seus textos, suas teorias, suas leituras.

Na consecução deste projeto, a escola ganha, sem dúvida, uma densidade nova, ao devolver criticamente aos canais competentes – as comunidades interpretativas oficiais – a imagem de literatura que deles emana.

## **FUNÇÃO DA LITERATURA NO DECORRER DO TEMPO**

Quando nasceu, na antiga Grécia, a literatura não tinha esse nome. Chamava-se poesia e existia para divertir a nobreza entre uma guerra e outra. Entre os gregos, a poesia herdou a propriedade pedagógica dos mitos. Veiculada primeiro entre a aristocracia, sua ação se espalhava atingindo todos os membros da sociedade. Para cumprir seu papel, dependia de uma instituição em especial, o Estado. Este apelava à poesia, para fornecer à comunidade os padrões de que essa necessitava.

Passaram-se muitos séculos até a literatura adotar o nome que atualmente a identifica. O tempo se encarregou de mostrar que o texto poético favorece a formação do indivíduo, cabendo, pois, expô-lo à matéria-prima literária, requisito indispensável a seu aprimoramento intelectual e ético.

A literatura perdeu a eficácia pedagógica esperada pela burguesia a partir do momento em que a escola passou a ser mais democratizada, ou seja, quando as políticas educacionais delegaram à escola o papel de fornecedora de mão-de-obra. Esse fato colocou a escola diante de um novo público, tornando-a mais popular e

levando o ensino da literatura a se indagar sobre seu sentido e finalidade. De certo modo, a literatura precisa descobrir, considerando as novas circunstâncias, em que consiste sua natureza educativa. Não pode ser a que desempenhou na Antigüidade, porque a escola se interpôs entre a obra e o leitor.

Compete hoje ao ensino da literatura não mais a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. A execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. A literatura se associa então à leitura, do que advém a validade dessa. (ZILBERMANN, 1990, p.44).

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos, através dos quais uma sociedade expressa e discute simbolicamente seus impasses, seus desejos, suas utopias. Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que ao longo da história de um texto foi acumulando. Em resumo: o significado de um novo texto afasta, afeta e redimensiona o significado de todos os outros textos.

## **A LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR ATUAL**

As várias disciplinas do currículo utilizam a leitura como um meio para atingir o objetivo específico de sua área de estudos. O ato de ler funciona, então, como uma etapa intermediária e instrumental que leva ao conhecimento. A disciplina de Língua Portuguesa faz da leitura um fim em si mesma, na medida em que seu objeto é a própria língua como meio de expressão e comunicação, e ler é decodificar mensagens escritas, chegando a uma compreensão de si e dos outros. Mas, quando o texto é utilizado para o ensino de gramática ou para transmissão de normas morais e sociais, ele se transforma em pretexto.

Observamos nas propostas curriculares um distanciamento entre as reflexões teóricas sobre a concepção e a importância da leitura, que são abrangentes e apontam para uma percepção crítica do ato de ler como possibilitadora do crescimento individual, e a sua operacionalização na escolha do material literário a ser manuseado por alunos e professores.

O importante, porém, seria buscar metodologias capazes de fazer com que a vivência da leitura propicie o desenvolvimento do pensamento organizado, capaz de levar o jovem a uma postura consciente, reflexiva e crítica frente à realidade social em que vive e atua.

Pode-se afirmar que o ensino da Língua Portuguesa está, muitas vezes, prejudicado pelo artificialismo que faz com que professores abordem-no como um objeto fixo de dissecação gramatical ou como instrumento de ascensão social. Nas escolas, constantemente, simula-se a língua escrita produzindo-se “redações”, não se lêem textos fazendo exercícios de interpretação e análises superficiais.

Para que a valorização da leitura seja de fato um projeto da escola, ainda quando limitada ao desempenho do professor de Língua Portuguesa, talvez seja preciso, antes de tudo, considerar o ato de ler uma atitude cujo significado se encerre nela mesma. E, a partir daí, experimentar as práticas que a nova postura sugerir, quem sabe mais estimulantes para o leitor.

Assim temos que um texto não é um objeto fixo num dado momento no tempo, ele lança seus sentidos no diálogo intertextual que dá curso aos enunciados que o antecederam; lança também seus sentidos adiante, no devir que as composições da leitura suscitarão como forma de dar-lhes continuidade. Dessa forma, diante de um texto não se torna mais adequada a pergunta “o que ele quer dizer?”, mas, “como ele funciona?”. Não se considera, pois, que um livro tenha em si um objeto, mas que possibilite o agenciamento com os múltiplos objetos de outros domínios do saber que a leitura suscita. (DIRETRIZES CURRICULARES, 2006, p.22).

O professor é aquele que apresenta as diferentes possibilidades de leitura: tudo e mais um pouco. Livros, poemas, notícias, receitas, paisagens, imagens, partituras, sons, gestos, corpos em movimento, mapas, gráficos, símbolos, o mundo enfim. Ele poderá contribuir no desenvolvimento da capacidade de interpretar e estabelecer significados dos diferentes textos, criando e promovendo variadas experiências, situações novas, que levem a uma utilização diversificada do conhecimento adquirido. Isso tornará possível a formação de uma geração de leitores capazes de dominar as múltiplas formas de linguagem e de reconhecer os variados e inovadores recursos tecnológicos, disponíveis para a comunicação humana no dia a dia.

A sala de aula é o lugar onde o professor ensina, onde ele mostra, por sua presença e atuação, a importância da leitura: ele traz os livros, apresenta-os, quer que todos escolham o que vão ler, fica sabendo do interesse que se vai formando em cada um, faz sugestões, discute e aprofunda os assuntos, responde perguntas e lê com os alunos. A biblioteca é o lugar de outra vivência. Na biblioteca o aluno explora o seu acervo, expande seus interesses: descobre que existem múltiplos materiais para leitura, livros de todo o tipo e sobre todos os assuntos, ou concentra-se em uma leitura de aprofundamento de um determinado interesse, estimulado pela leitura em sala de aula. A sala de aula é o lugar de criação de vínculo com a leitura, de inserção do aluno na tradição do conhecimento. A biblioteca é o lugar do cultivo pessoal desse vínculo.

O professor lida com esse horizonte, podendo ampliá-lo, modificá-lo ou, caso se dê mal, até escolhê-lo; sem esquecer, contudo, que em qualquer das circunstâncias, lhe compete fazer o aluno reconhecer sua existência, entender seus limites e manifestar suas predileções. Nesse momento, o aluno se identifica enquanto leitor, compreende sua própria formação e posiciona-se perante o caminho que adotou ou a que foi induzido. (ZILBERMANN, 1990, p.50)

Nada disso é possível se o ensino da literatura não se implantar sobre o diálogo. O professor não pode conhecer seus alunos se não promover a interação da experiência de leitura já adquirida entre eles e desvelando a sua própria formação, ou seja, socializando e compartilhando com eles vivências passadas e presentes.

O desencontro literatura/jovens que explode na escola parece mero sintoma de um desencontro maior que nós – professores – também vivemos. Os alunos não lêem, nem nós; os alunos escrevem mal e nós também. Mas, ao contrário de nós, os alunos não estão investidos de nada. O bocejo que oferecem à nossa explicação sobre este ou aquele assunto é incômodo e subversivo, porque sinaliza nossos impasses e sinalizando-os poderão instigarnos a superá-los. Pois só superando-os é que em nossas aulas se poderá cumprir, da melhor maneira possível, o espaço de liberdade e subversão que, em certas condições, instaura-se pelo e no texto literário.

Na maior parte das vezes, conforme diz Marisa Lajolo, encontraremos na vida de cada leitor, quando criança, um adulto afetivamente próximo a ele que era emocional e intelectualmente ligado aos livros. Foi provavelmente, essa pessoa que



iniciou o jovem no mundo da leitura. Logicamente o professor será – e precisa ser – essa pessoa para boa parte dos seus alunos.

## **A LEITURA COMO ESTÍMULO À IMAGINAÇÃO E À FANTASIA**

Pode-se afirmar, sem constrangimento, que não existe leitura sem que a imaginação seja convocada a trabalhar junto com o intelecto, responsável pelas operações de decodificação e entendimento de um texto? Se este for ficcional, a resposta é positiva. O resultado é a fruição da obra, sentimento de prazer não apenas em relação ao mundo fictício proposto pelo escritor, mas também pelo estímulo dado ao imaginário do leitor.

Definida enquanto criação, a obra literária não é produzida sem que outra imaginação seja ativada primeiro: a do escritor. Por isso, coincide com invenção, associa-se à fantasia. De um lado, simula lidar com coisas e pessoas conhecidas; de outro, porém, deixa claro que aquelas nunca tiveram existência concreta. Reais são apenas as palavras que as enunciam; essas, entretanto, também são impalpáveis.

Onde situar a materialidade da literatura localizada, supõe-se, em algum lugar, já que nos atinge tanto? A resposta a essa questão talvez seja tão imprecisa quanto o objeto a que ela se refere: tudo começa na fantasia cuja existência pode ser confirmada de modo empírico, já que diariamente experimentamos seus efeitos.

Fantasia, contudo, é um tema esquecido pelas coleções de iniciação aos conceitos básicos do cotidiano. Talvez por não pertencer ao ideário da esquerda, que a acusa de propiciar o escapismo, compensar a alienação motivada pela divisão do trabalho ou desviar a classe operária de sua finalidade revolucionária; ou por estar acossada pelo pragmatismo burguês, que não tolera uma atividade que não resulte em produção e não seja lucrativa.

Um lado, mais doutrinário, a exilou, expulsando-a de seu universo conceitual e denegrindo seus efeitos; o outro, mais prático, não a evitou, mas, ao adotá-la, comprometeu sua finalidade. Foi encampada pela indústria cultural, que lhe conferiu sentido escapista, encarregando-a, por uma parte, de proporcionar a fuga, mesmo que ilusória, da vida cotidiana, rotineira e insípida, e, por outra, de facilitar a acomodação a uma situação que, assim, se torna suportável. A esquerda

aceitou as regras impostas à fantasia pelo capitalismo, confirmando-as por outra via.

Sigmund Freud, talvez o principal responsável pelo resgate da fantasia e pelo esclarecimento de sua articulação às atividades artísticas de criação, indica que a fantasia é motivada por desejos insatisfeitos; ela acolhe-os e elabora-os, buscando satisfazê-los por intermédio de processos como o sonho, a imaginação, o devaneio.

O escritor, por exemplo, canaliza seus desejos para sua obra criativa; essa, em certo sentido, permite-lhe externar lembranças insatisfatórias do passado, aliadas a experiências presentes. Sob esse aspecto, a criação artística assemelha-se a um sonho do adulto ou ao brinquedo da criança.

Alojada no centro dos problemas do indivíduo, a fantasia não pode ser escapista; nem as imagens que ela libera desligam-se do cotidiano ou da existência dos homens com os quais o artista convive.

O mais importante é que a fantasia dá forma compreensível àqueles fenômenos, que transparece por meio de ações e figuras, relações entre elas, saídas para os problemas levantados. E porque a forma empregada é compreensível, pode ser adotada por outros indivíduos que, assim, têm condições de entender suas próprias dificuldades, refletir sobre elas, buscar um caminho para seus dramas pessoais ou sociais. (ZILBERMANN, 1990,p.34)

A fantasia transfere essa forma para a literatura, e o leitor procura ali os elementos que expressam seu mundo interior. Eis por que leituras significativas confundem-se com nosso cotidiano, tornam-se lembranças perenes, explicam nossa própria vida.

A criação artística assume papel preponderante, porque, operando a partir das sugestões fornecidas pela fantasia, socializa formas que permitem a compreensão dos problemas; portanto, configura-se também como ponto de partida para o conhecimento do real e a adição de uma atitude liberadora.

Regressiva na formação, pois remonta a lembranças de problemas, a fantasia é prospectiva na formulação; e a literatura, sua herdeira, recebe como legado sua tônica utópica, acenando para as possibilidades de transformação do mundo e encaminhamento de uma vida melhor para todos que dependem dela para conhecer o ambiente que os rodeia. (ZILBERMANN, 1990, p.35)

A educação compartilha com a fantasia e a literatura a perspectiva utópica a que elas apontam. Funda-se num ideal, o de que é possível mudar a atitude individual e a configuração de sociedade por meio da ação humana.

## **A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE HUMANIZAÇÃO**

A literatura é a porta de um mundo autônomo que ultrapassa a última página do livro e permanece no leitor incorporado como vivência. Esse mundo se torna possível graças ao trabalho que o autor faz com a linguagem. Literatura, pois, não transmite nada: cria tão-somente no espaço da linguagem. É um engano acreditar que o caráter humanizante e formador da literatura vem da natureza ou quantidade de informações que ela propicia ao leitor.

A literatura leva ao extremo a ambigüidade da linguagem: ao mesmo tempo que aproxima o homem daquilo que está designando, denuncia que esta designação é arbitrária, provisória e artificial. É a arte de inventar, de fingir, de enganar e ao mesmo tempo mostrar o engano. É, portanto, uma linguagem instaurada de realidades e exploradora dos sentidos que possui uma capacidade de gerar inúmeras significações a cada leitura.

Outra característica da literatura é o fato de não copiar o real, mas transfigurá-lo de maneira crítica e emocionada. Trata-se de uma recriação da realidade num plano que não é propriamente o do real, mas apresenta sempre um referente que faz identificar uma determinada realidade. Mesmo na mais delirante fantasia podemos encontrar elementos subjacentes de nossa realidade, expressos numa linguagem simbólica, transformada.

A linguagem literária utiliza predominantemente a subjetividade do autor que procura sugerir mais do que mostrar. Cada escritor procura transmitir uma visão de mundo, um depoimento crítico sobre determinados aspectos da realidade que o emocionam, através de um texto cuja forma deverá se adaptar ao assunto escolhido. Para passar essa mensagem sobre a vida, o autor pode se valer de inúmeros recursos. A imaginação não tem limites e a originalidade vai marcar o seu estilo.

Assim, tomando como ponto de partida algum elemento do real, o autor pode exagerá-lo, minimizá-lo, ridicularizá-lo, inverter situações; deformando a realidade, ele chama a atenção sobre ela e pode criticá-la melhor. (PONDÉ, 1985, p. 147)

Ruth Rocha, por exemplo, em “O Reizinho Mandão”, questiona o autoritarismo na figura do rei menino. Isso demonstra que, sob qualquer aspecto que tome, o texto vai refletir, de alguma maneira, a realidade. Pelo ridículo das situações criadas, A autora está denunciando a gratuidade do mau exercício do poder, na figura do pequeno rei. Ela inverte todas as situações: o rei, em vez de ser adulto, é uma criança mimada que só dá ordens arbitrárias e inúteis. Observa-se que a crítica ao poder foi uma constante na Literatura Infantil dos anos 70. Para mostrar que a arte espelha criticamente a realidade, lembramos que este período foi o que apresentou maior autoritarismo no panorama político e social do país.

Se visamos à formação do hábito da leitura e ao desenvolvimento do espírito crítico, devemos oferecer atividades e utilizar recursos que permitam a expansão dos conhecimentos, das habilidades intelectuais, da criatividade e da tomada de posições. O debate, a livre discussão e as atividades que extrapolam o âmbito da sala de aula não podem ser esquecidos.

## **O TEATRO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

O teatro é um meio informal de educação. Na escola, a base do teatro se processa através do jogo, das leituras, da escolha dos textos. Nessa perspectiva relaciona-se ao prazer do encontro com o movimento, à flexibilidade para dramatizar situações, para imaginar e realizar ações, compartilhar idéias, adaptar-se às regras pré-estabelecidas, trocar relações e criar novas situações de uma proposta, num contexto de constante dinâmica de retroalimentação.

Os cidadãos, formados numa escola que desde cedo lhes transmitiu o interesse pelo teatro, tendem a conservar esse interesse para o resto da vida e a se tornarem freqüentadores assíduos, esclarecidos e exigentes. (MICHALSKI, 1976, p.20)

O jovem brasileiro atravessa todas as etapas da sua educação escolar sem ter tido, muitas vezes, qualquer contato estimulante com o teatro. Como esperar dele o hábito de ir ao teatro, considerando-se que, além da escola, também a família e os amigos dificilmente terão a iniciativa de abrir-lhe os olhos para as riquezas do universo teatral? Em nossos dias não é mais lícito duvidar que as técnicas e os exercícios teatrais constituem um dos recursos mais poderosos de que o educador

se possa valer para promover um harmonioso amadurecimento emocional e intelectual dos seus educandos.

O objetivo principal do teatro é a criação de uma comunicação entre os atores e o público. Na educação esse fenômeno da comunicação com a platéia pode e deve ser virtualmente esquecido; e a própria platéia pode e deve ser virtualmente suprimida. O que conta é experiência vivencial dos participantes, obtida por meio de técnicas e recursos teatrais, mas que independe de qualquer noção de comunicação com o público. Já o professor que se utiliza do teatro com finalidades pedagógicas não tem qualquer compromisso com a arte teatral, com o rendimento artístico; o que deve preocupá-lo é apenas o desenvolvimento, o mais integral possível, das jovens pessoas humanas que ele está orientando, ou seja, o que conta é o próprio processo de trabalho.

Transformando o próprio corpo humano em seu principal instrumento expressivo, combinando harmoniosamente a comunicação verbal e a não verbal, realizando uma síntese de todas as artes em função das suas próprias exigências específicas, o teatro na escola pode proporcionar ao jovem uma experiência de vida da maior significação e abrir-lhe um rico caminho para a descoberta e a exploração de si mesmo e do mundo que o rodeia. Esta é, sem dúvida, a mais importante tarefa que o teatro pode e deve desempenhar na educação. Mais do que qualquer outra, a sua finalidade deve ser a de educar o aluno para a verdadeira liberdade criadora.

Como dissemos, a dramatização tem um papel importante no desenvolvimento do aluno, e lhe possibilita a superação de inúmeras dificuldades e obstáculos localizados na relação homem X mundo e, principalmente, o apoio no sentido de uma maior segurança no enfrentamento das carências emotivas e afetivas que cada um traz dentro de si.

Dentro dessa perspectiva, o trabalho de teatro desenvolvido na escola desafia o aluno a falar e a participar, através das mais diferentes formas: ao nível da palavra, do gesto, do movimento, a fim de que ao conseguir se soltar, ao estabelecer relações afetivas com o seu grupo e com o seu meio, o aluno consiga melhores condições de interagir com a sociedade.

A dramatização tem também uma função extremamente importante no processo de aprendizagem do aluno, pois no momento em que estiver seguro ao nível de sua emoção, afetividade e quando estiver bem relacionado socialmente ao viver uma experiência de socialização, ele terá melhores possibilidades de realizar

com tranqüilidade o seu processo rumo ao conhecimento. O que se tem percebido na prática é que a atividade dramática funciona como um desafio para a adaptação do indivíduo ao grupo e, a partir daí, realiza sua aprendizagem com desenvoltura, entusiasmo e prazer.

## **A CRIANÇA E O TEATRO**

Quanto mais cedo começar melhor. Para a criança, a arte é um meio de expressão. A criança é um ser extremamente dinâmico: à medida que se desenvolve e modifica sua forma de encarar o mundo, sua expressão também se modifica. Quando a criança desenha, faz uma escultura ou dramatiza uma situação, transmite com isso uma parte de si mesma, mostra-nos como sente, como pensa e como vê.

A capacidade de expressão e comunicação inata no ser humano revela-se lentamente; a criança somente se expressa com naturalidade, através da linguagem verbal e gestual, após algum tempo de prática de jogos de expressão dramática, musical e plástica. Ao desenvolver atividades de expressão artística na educação infantil, não se pretende formar um artista, mas um ser espontâneo, vivo, dinâmico, capaz de exteriorizar seus pensamentos, sentimentos e sensações e de utilizar diversas formas de linguagem. O objetivo é formar um ser social, apto a construir gradualmente sua própria escala de valores e desenvolver seu senso estético.

Para a criança tudo parece novo nessa atmosfera de descobertas: o corpo, a voz, o gesto, as formas e os sons. Aos poucos a criança vai povoando seu espaço: plantas, ilha aqui, montanhas ali, navegantes, guerreiros, robôs, fantasmas, e um sem número de personagens fictícias ou reais surge e desaparece em cada nova situação proposta pelo jogo teatral. Nessas situações de imitação, criação ou recriação que se desenvolvem durante as atividades, o professor tem uma ocasião ímpar para conhecer seus alunos e descobrir a melhor maneira de orientá-los. (REVERBEL, 1989, p.38)

O teatro funciona em relação à criança como o faz-de-conta e o apitar do pó de “pirlimpimpim” no mundo do Pica-pau Amarelo, participando ao mesmo tempo da mais poética fantasia e da mais concreta realidade, abrindo portas para desvãos insuspeitados e revelando aspectos surpreendentes do real, misturando fantásticas viagens a uma mineração de si mesma.

Ao mesmo tempo em que uma boa peça pode estimular a criatividade e a imaginação infantil, é também capaz de ajudar a criança a assumir sua fantasia, conviver com suas angústias, exorcizar suas tensões, rir de seus medos.

## **O TEATRO REVELADO NA ESCOLA**

O teatro continua à margem da cultura de massa, continua dando seu recado único a cada vez, diretamente ao espectador presente. Ele é da comunidade. E a comunidade somos nós que temos obrigação de participar ativamente da transmissão desse legado a nossos filhos e alunos. (CUNHA, 1999, p. 141)

A consciência reflexiva e a palavra são os primeiros elementos transformadores do mundo. Está na hora de se fazer um trabalho que vá enriquecer o indivíduo, dando-lhe condições de tornar-se humano, ativo, reflexivo e criador de novas idéias.

Há muito tempo buscam-se na escola formas e estratégias de levar os alunos a lerem melhor e com mais qualidade. Não é uma tarefa fácil, uma vez que outros meios (parecendo mais sedutores) atraem a atenção dos alunos. É preciso, constantemente, buscar caminhos e um deles pode ser introduzir, gradativamente, o teatro e a representação como metodologias para conquistar o aluno leitor.

No decorrer desse tempo procurou-se desenvolver um trabalho voltado para o jogo dramático, onde a ação, o movimento, a palavra, o gesto e até mesmo o silêncio têm um significado fundamental na dramatização e no próprio desenvolvimento da criança e do adolescente. Participando dessas atividades percebe-se que o aluno sutilmente vai assimilando noções básicas para viver harmoniosamente em sociedade como: esperar a hora de falar, respeitar a vez do outro, trabalhar em equipe, organizar-se e cumprir metas, substituir um colega, colaborar na resolução de problemas e seguir um planejamento ou cronograma.

Esse é o eixo do trabalho de pesquisa e intervenção na escola que foi realizado no PDE. A escolha é resultante do fato de se acreditar no teatro pela sua força, pelo potencial para o desenvolvimento do indivíduo como ser; acreditar no teatro como elemento transformador, desencadeador de emoções, alegrias, tristezas, angústias, frustrações e, em especial, porque, através da atividade dramática, o homem projeta-se para a vida, pela vivência do seu eu aqui, agora e no futuro.

Considerando que a proposta tem como fundamento aproximar o aluno da leitura, foi implementada na escola, com ajuda de outros professores e ex-alunos, uma Oficina de Teatro. Os alunos da oficina criaram o grupo de teatro da escola e são orientados a ler, fazer adaptações e representar textos da nossa literatura, como também participar dos festejos de Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia do Estudante e Festa Junina. Porém o grande evento que ocorre na escola é o Festival de Teatro, quando toda a comunidade escolar se envolve.

As oficinas são dirigidas a alunos do ensino fundamental e médio em que se trabalha com técnicas de autoconhecimento, concentração, sensibilização (aplicação dos cinco sentidos) socialização, jogos e vivências teatrais, expressão vocal, expressão corporal, mostras teatrais e montagem de espetáculos. Nelas há a oportunidade de realizar-se a prática dramática em que a imaginação, idéias e sentimentos são representados através do movimento, do som, da imagem e da ação dramática.

Conhecer as convenções e as regras da linguagem dramática habilita os alunos a criar formas que tornam mais concretas as suas idéias e sentimentos, estabelecendo-se assim o conhecimento de si, dos outros e do mundo. Nas atividades dramáticas e performativas, é clara a intenção de uma comunicação, de construção e interpretação de sentidos como forma de se relacionar com o mundo interior e com o mundo em que se vive.

Viola Spolin (1906-1994) sistematizou procedimentos metodológicos para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico com o teatro na educação pela formulação original do conceito de jogo teatral, cuja proposta enfatiza a dimensão improvisacional do fazer teatral e destacou a importância das interações intersubjetivas na construção do sentido da representação cênica e na apropriação de algumas convenções teatrais.

O sistema de jogos teatrais de Spolin permite reivindicar o espaço do teatro como conteúdo relevante na formação do educando. O trabalho pedagógico com sua metodologia de ensino abre espaço para que os alunos experimentem o fazer teatral (quando jogam), desenvolvam a apreciação e compreensão estética da linguagem cênica (quando assistem a outros jogarem) e contextualizem historicamente seus enunciados estéticos (durante a avaliação coletiva quando também se auto-avaliam).



São realizadas nas oficinas atividades em que se criam ambientes, personagens e ações através do jogo, conforme metodologia de Spolin, denominadas “Onde, Quem, O Que”. Os termos “Onde”, “Quem”, “O Que” são usados como nome na descrição de muitos jogos teatrais. Esses termos amplos e neutros são particularmente úteis na sala de aula. Os termos “cenário”, “personagem” e “ação de cena” limitam as discussões entre os jogadores à situação teatral. (SPOLIN, 2007, p.123)

Os jogos do “Onde” levam o jogador a familiarizar-se com o ambiente e cenário, que têm por objetivos: encorajar os jogadores a colaborar na criação de um “Onde”; tornar visível o invisível; mostrar como um lugar pode ser definido pelas pessoas que o ocupam e por aquilo que estão fazendo; improvisar uma situação sem pré-planejamento; descobrir um ambiente amplo dentro de um espaço pequeno; definir um cenário com movimentos restritos; descobrir uma variedade de formas para indicar o cenário.

Nos jogos do “Quem”, personagem e relacionamento são enfatizados fazendo os alunos perceberem que as pessoas nos mostram quem elas são não por aquilo que dizem de si, mas por meio de suas atitudes. Quando os jogadores chegarem a esse ponto perceberão o fato de que atores, para comunicar sua identidade à platéia, precisam mostrar o “quem” através do relacionamento com os seus parceiros de jogo. Jogos com o “Quem” pretendem conscientizar os participantes sobre as possibilidades de comunicação não-verbal; estabelecer orientação inicial para a personagem; mostrar a viabilidade de recursos ocultos; construir um personagem mostrando, não contando; desenvolver percepção na audição; definir um personagem por meio de instrumentos; fisicalizar a emoção.

O “O que” remete à ação, é a interação da personagem com outra personagem e da personagem com o cenário. Os jogadores irão concluir que nós usualmente temos alguma necessidade de estar onde estamos e fazer o que fazemos – para manipular certos objetos físicos, ir a certos lugares e aposentos. Da mesma forma, o jogador em cena deve ter uma necessidade para manipular certos adereços, estar em certo lugar, atuar de determinada forma na área de jogo. Jogos com “O Que” têm por meta definir um objeto ou substância sem usar palavras; desenvolver a percepção de atributos dos objetos; criar uma ação por meio da utilização de objetos no espaço dentro de um ambiente; desenvolver comunicação não-verbal.

Para cada objetivo estabelecido nos jogos “Onde, Quem, O Que”, Spolin sugere uma série de jogos de sensibilização e construção. Comparando com o futebol: se os jogadores de futebol soubessem com antecedência qual seria o desenlace da partida, todo o prazer (a história) seria retirado do jogo. “Onde, Quem, O Que” são apenas o esboço do campo em que o jogo será realizado. Por exemplo, no futebol, o “Onde” é o campo de jogo, o gramado; o “O Que” são os lances da partida; e “Quem” são os jogadores (goleiro, atacante, defensor, etc.). (SPOLIN, 2007, p.126)

Paralelamente a esses jogos de ambientação relacionados ao fazer teatral, trabalha-se também os elementos da representação teatral, tendo em vista o Festival de Teatro na escola. Neste ano as atividades foram baseadas na obra de Maria Clara Machado, constituídas por alguns elementos:

- ⇒ A história – transformar uma idéia em história, escrita ou representada;  
A peça de teatro – depois que a peça é escrita pelo dramaturgo, o diretor da peça reúne os atores para distribuir os papéis, é o estudo da história pelo diretor e pelos atores para se entender o que a história quer contar;
- ⇒ A marcação – o diretor marca cada passo dos atores e ainda marca um tempo de espera entre as frases;
- ⇒ O ator – depois de escrita a peça tem que ser contada no palco, pois é só no palco que a história pode viver, quanto melhor o ator, mais claramente a idéia do escritor é compreendida;
- ⇒ Aprender a falar – o ator se exprime pela voz, pelos movimentos e pela sensibilidade, dicção é a arte de saber falar direito, há também a impostação, ou seja, o que o ator em que aprender para que possa dizer bem o seu texto;
- ⇒ O corpo – o ator precisa saber transmitir o seu papel pela expressão do corpo, pelos gestos, ele precisa aprender a relaxar, a dominar seus gestos e ações;
- ⇒ Exercícios para relaxar – são exercícios para se educar a sensibilidade, ou seja, sem educar a voz, os gestos e a sensibilidade não há ator, isto porque ele tem que representar no palco muitas emoções;

- ⇒ Imaginação – com ela tudo pode se transformar numa história, todo mundo descansa um pouco da realidade para passear pelos recantos da vida;
- ⇒ A produção – depois que a peça foi ensaiada, marcada e estudada, prepara-se a peça para ser mostrada ao público;
- ⇒ Elementos cênicos (cenário, iluminação, música e som) – o cenário fixa a ação no espaço e no tempo; a iluminação delimita o espaço cênico ampliando ou modificando o valor do gesto; a música salienta, amplia, evoca a atmosfera, o lugar ou a época da ação e o efeito sonoro não pertence nem à palavra, nem à música, ou seja, o ruído pode significar a hora, o estado do tempo, o lugar, etc. (MACHADO, 1986)

O Festival de Teatro é formalizado por um regulamento a ser seguido pelos participantes. Por exemplo, para inscrever uma peça, o grupo precisa entregar o texto, ou seja, a inscrição da peça para o festival é o texto. Depois que acontece o festival premiamos os grandes destaques do evento, à moda “Oscar”: melhor ator, melhor atriz, melhor sonoplastia, melhor adaptação, etc. As peças de destaque recebem convites para se apresentarem em outras escolas da rede pública e também participam do FERA (Festival de Arte do Paraná).

Vale dizer que não se pretende formar na escola um aluno-ator, um aluno-pintor ou um aluno-compositor, mas sim dar oportunidades a cada um de descobrir o mundo, a si mesmo e reconhecer a importância da literatura, da arte e da leitura como forma de humanizá-lo e fazê-lo chegar ao conhecimento.

## **CONCLUSÃO**

O professor, portanto, não pode listar objetivos que traduzam preocupação em formar o hábito da leitura e desenvolver o potencial criativo e crítico se sua ação metodológica for rotineira, estática, fragmentada, não se apresentando aos alunos como um desafio global, um mistério a ser desvendado.

Ele terá que ele mesmo ser criativo para encontrar formas de avaliar o aproveitamento de seus alunos de maneira pouco usual, mas que estejam de acordo com as funções da literatura: pensar, experimentar a beleza da linguagem,

contribuir para a percepção do mundo, ultrapassar a moral e a informação de fatos para viver a formação pessoal e intelectual.

A experiência com o teatro na educação e como instrumento de convencimento de leitores é compensadora, os efeitos surgem logo por parte dos alunos, em todas as áreas – afetiva, ativa e intelectual. Além disso, é uma ótima ocasião de socialização, o aluno se desinibe e, orientado pelo professor, aprende a trabalhar, a criticar e receber críticas pertinentes, a valorizar e estimular o trabalho alheio, porque, no teatro, o que conta é o conjunto homogêneo, nivelado.

Se o modelo almejado é o leitor crítico, isto é, um sujeito capaz de discriminar intenções e de assumir atitudes ante o contexto social, com independência, não se poderá deixar de lado a busca sistemática de novas metodologias, de novas pesquisas, de novos paradigmas.

Precisamos, enquanto educadores, não desistir de criar situações para aproximar os alunos do mundo mágico da leitura, embora algumas de nossas tentativas não tenham sucesso, o que vale é estarmos sempre prontos para enfrentar novos desafios, rever nossas metodologias e cumprir o papel dignificante que nos cabe na vida de nossos alunos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, R. N. **Teatro na Escola: Alunos analisam o que fazem.** Ijuí: Unijuí, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação. **Teatro na Educação: subsídios para seu estudo.** Rio de Janeiro, MEC, 1976.

COSTA, M. M. **Metodologia do Ensino da Literatura Infantil.** Curitiba: Ibpex, 2007.

CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil: teoria e prática.** São Paulo: Ática, 1999.

KHÉDE, S. S. (org.). **Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico.** 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

JAPIASSU, R. **Metodologia do Ensino do Teatro.** 4 ed. Campinas: Papyrus, 2005.

LAJOLO, M. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo.** São Paulo: Ática, 2001.

MACHADO, M. C. **A Aventura do Teatro.** 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica**. Curitiba: SEED, 2006.

PONDÉ, G. **A arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.

REVERBEL, O. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1989.

SPOLIN, V. **Jogos Teatrais na sala de aula: um manual para o professor**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

\_\_\_\_\_ & SILVA, E. T. (org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. **Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.